



**Universidade do Estado do Rio de Janeiro**

Centro de Educação e Humanidades

Faculdade de Formação de Professores

Departamento de Educação

Curso de Pedagogia

Lidia Soares Pereira

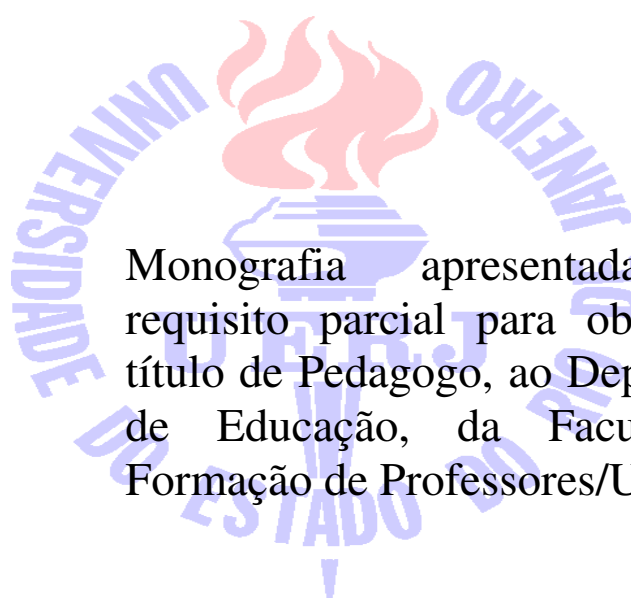
**Fios de Ouro em Segredo: as expectativas de  
jovens e adultos ao retornarem à escola.**

São Gonçalo

2009

Lidia Soares Pereira

**Fios de ouro em segredo: as expectativas  
de jovens e adultos ao retornarem à escola.**



Monografia apresentada, como  
requisito parcial para obtenção do  
título de Pedagogo, ao Departamento  
de Educação, da Faculdade de  
Formação de Professores/UERJ

Orientadora: Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Márcia Soares de Alvarenga

São Gonçalo  
2009

CATALOGAÇÃO NA FONTE  
UERJ/REDE SIRIUS/CEH/D

P436 Pereira, Lidia Soares.  
Fios de ouro em segredo: as expectativas de jovens e adultos ao retornarem  
à escola/ Lidia Soares Pereira. – 2009.  
45f.

Orientadora: Márcia Soares de Alvarenga.  
Monografia (Licenciatura em Pedagogia) - Universidade do Estado do Rio  
de Janeiro, Faculdade de Formação de Professores.

1. Educação de adultos. 2. Ensino. I. Alvarenga, Márcia Soares de. II.  
Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Faculdade de Formação de Professores.

CDU 374.7

Lidia Soares Pereira

Monografia apresentada, como  
requisito parcial para obtenção do  
título de Pedagogo, ao Departamento  
de Educação, da Faculdade de  
Formação de Professores/UERJ

Aprovada em Março de 2009

---

Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Márcia Soares de Alvarenga (Orientadora)

---

Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Mairce da Silva Araújo

São Gonçalo  
2009

Dedicatória Especial

**Aos jovens e adultos alfabetizando do Colégio  
Municipal Presidente Castello Branco.**



## **Dedicatória**

Àquele que representa o princípio e o fim  
de todas as coisas presentes no universo:  
**Deus.**

## **Agradecimentos**

A minha família que sempre esteve ao meu lado.  
Ao meu avô Manoel Soares Nunes, exemplo de bondade.  
A professora Márcia Alvarenga que me acolheu com carinho.  
Aos professores da EJA do Colégio Municipal Presidente  
Castello Branco pela colaboração na realização da pesquisa.  
A todos que estiveram presentes em minha nova trajetória de  
vida.

## **Epígrafe**

Cada persona que pasa por nuestra vida es única siempre deja un poco de sí y se lleva un poco de nosotros.

Anônimo



## Sumário

Resumo.....	08
Introdução.....	09
1- Educação de Jovens e Adultos e as Políticas Públicas: Ainda um desafio.. .....	10
1. 1- A História da escola e a sua relação com a Educação de Jovens e adultos.....	19
2- Quem são os sujeitos jovens e adultos da EJA? Com a palavra: professores e estudantes.....	21
3- Jovens e adultos: um (re) encontro com a escola.....	33
Considerações finais.....	43
Bibliografia.....	44

## **Resumo**

Este trabalho tem como objetivo refletir/analisar as expectativas de jovens e adultos ao (re)encontrarem à escola. Buscamos como referenciais teórico-metodológicos Freire, Di Pierro, Bosi, Oliveira, entre outros autores, na perspectiva de compreender as histórias de vida dos sujeitos que relatam trajetórias de lutas, de silêncio, e até de negação ao direito de estudar. Contudo, não deixaram de sonhar, acreditar que um dia poderiam realizar seus sonhos, ter o contato com o mundo da leitura e da escrita através da educação formal. Para realização do trabalho foi feita uma pesquisa qualitativa de cunho etnográfico (André, 2000), o que nos possibilitou uma aproximação maior com os sujeitos pesquisados. O material empírico resultou-se por meio de entrevistas, conversas, e atividades de oficinas de leitura e escrita desenvolvidas junto aos alunos jovens e adultos em processo de alfabetização e das séries iniciais, a partir das quais produzimos reflexões e análises sobre nossas ações/intervenções nas oficinas realizadas. Nas falas dos sujeitos da EJA percebemos que existe uma busca por uma educação emancipatória. Uma educação que não seja somente para aprender a ler e a escrever, como também, se sentir no mundo, ter voz. A oportunidade de usufruir o direito que lhes foi negado, o direito à educação.

Palavras-chave: educação, jovens e adultos, histórias de vida.

Introdução:

O trabalho monográfico é fruto de um envolvimento como bolsista no Projeto de Iniciação à Docência: “A Produção de Sentidos na Educação de Jovens e Adultos”, que é integrado ao Núcleo de Pesquisa e Extensão: “Vozes da Educação” Memórias e Histórias das Escolas de São Gonçalo. Nesse projeto, articulamos atividades de docência e pesquisa como processos formadores de professores no campo da Educação de Jovens e Adultos.

Nossa atuação no projeto teve como *lócus* de pesquisa o Colégio Municipal Presidente Castello Branco, onde pudemos perceber a dimensão dos sentidos produzidos por estes educandos em suas múltiplas possibilidades de diálogos com as práticas de leitura e escrita que são ressignificadas através de suas vivências dentro e fora do espaço escolar.

Esta participação na pesquisa nos levou a pensar sobre as expectativas dos sujeitos jovens e adultos ao retornarem à escola, suas dificuldades e anseios, nos provocando a escolha do tema da monografia. Assim, nos sentimos sensibilizados em compreender o sentido da educação destes educandos e suas perspectivas diante de uma nova realidade de vida.

Para analisar a trajetória da Educação de Jovens e Adultos recorreremos à história da educação no Brasil e foi possível perceber que a preocupação com esta modalidade de ensino é algo recente. Pois, por período de longos anos os sujeitos não alfabetizados foram discriminados, hostilizados e até mesmo “deixados de lado” por não saberem ler e escrever.

Diante deste quadro, buscamos investigar/analisar quem são os sujeitos da EJA? Como agem e interagem no espaço em que vive? Suas histórias de vida, e a relação com as questões sociais escolares ou não escolares nos diferentes contextos vividos.

Em nossa pesquisa, percebemos que os jovens e adultos parecem se reencontrar ao redescobrir um universo de palavras que dão sentido as suas vidas e histórias de vida. Pois, estes buscam na educação formal a realização de sonhos e projetos interrompidos por questões estruturais na sociedade, de ordem política e econômica.

Nesse sentido, refletimos sobre as falas dos sujeitos por meio de entrevistas, conversas e até mesmo das experiências compartilhadas na intenção de compreender suas trajetórias de vida e principalmente, suas expectativas ao (re)encontrar o espaço que lhes dá acesso ao ensino sistematizado, isso significa dizer o acesso ao direito à Educação.

## Cap 1 - Educação de Jovens e Adultos e As Políticas Públicas: Ainda um desafio

“A EJA, como parte um de projeto de nação, de transformação, só terá sucesso quando articulada com outras políticas públicas-sociais e econômicas que visem reduzir as enormes disparidades que existem na sociedade brasileira”.

Maria Margarida Machado

Historicamente, pode-se dizer que a preocupação com a educação de jovens e adultos começa a ocorrer a partir dos meados da década de 40, porém alguns anos atrás já havia movimento de professores e da própria população que se empenhavam na luta pela melhoria da educação principalmente da educação de jovens e adultos e, para isso, procuravam exigir do Estado a sua participação e responsabilidade na oferta de serviços para toda população.

Os jovens e adultos considerados “analfabetos”; por um bom período da história, foram severamente criticados por sua condição de não saber ler e escrever, como se isso os impedisse de pensar e agir de forma capaz e coerente. De certa forma, eram vistos como pessoas desqualificadas e desprovidas de capacidade cognitiva para opinar ou decidir qualquer tipo de ação em seu país. Particularmente representava a isenção dos direitos e deveres do indivíduo.

O analfabetismo era visto como um forte empecilho para o progresso do país. Desse modo, havia um empenho significativo por parte de vários setores da sociedade dispostos a mudar a situação a respeito da “incapacidade intelectual” de alguns indivíduos. A instrução e a escolarização eram temas sempre postos em pauta nas discussões sobre a qualidade do sistema de ensino, principalmente no que se refere a educação básica de jovens e adultos das camadas populares, que representavam, por assim dizer, um grande contingente de mão-de-obra.

Mudanças estavam prestes a acontecer na economia brasileira, assim, por volta da segunda metade da década de cinquenta, do século passado, começa a existir uma disputa pela participação política dos “analfabetos” na sociedade, através do voto. Como afirma Paiva (2003, p.23):

Finalmente, com os movimentos voltados para a promoção da cultura popular, valorizando as expressões artísticas e culturais do povo, o combate ao preconceito torna-se mais compacto e o sistema Paulo Freire (desenvolvido a partir do conceito antropológico de cultura) e sua difusão serão de fundamental importância para formar uma nova imagem do analfabeto, como homem capaz e produtivo, responsável por grande parcela da riqueza da nação.

Sob influência do nacionalismo surgem movimentos interessados em erradicar o analfabetismo, a partir de uma “revolução na educação”, para isso se faz necessário uma redefinição nas políticas públicas, posto que, a participação de todos depende de um entrosamento social e cultural tendo em vista um novo rumo para a nação. É preciso trabalhar o capital humano a fim de que esteja pronto “*como instrumento de transformação social e construção da sociedade futura*”, (Paiva, idem. p.237), que será possível graças “a educação das massas”.

Diante das lutas e discussões em prol da EJA, surgem diversos movimentos e programas que se configuraram na tentativa de manter a educação de jovens e adultos no mesmo patamar de significação e atenção como modalidade de ensino. O Movimento de Educação de Base, da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil, estabelecido em 1961, com o patrocínio do governo federal; o Movimento de Cultura Popular do Recife, a partir de 1961; os Centros Populares de Cultura, órgãos culturais da UNE; a Campanha De Pé no Chão Também se Aprende a Ler, da Secretaria Municipal de Educação de Natal; e finalmente, em 1964, o Programa Nacional de Alfabetização do Ministério da Educação e Cultura que contou com a participação do ilustre professor Paulo Freire. Da década de 60 para cá, a luta não cessou, mesmo com o golpe militar de 1964 com as repressões e ameaças aos “silenciados”.

Em 15 de dezembro de 1967, surge o MOBREAL-Movimento Brasileiro de Alfabetização, criado pela Lei Federal 5.692, fruto do trabalho realizado por um grupo interministerial. Todavia, foi um programa que apesar de ter como objetivo atender a classe popular que precisava ser alfabetizada, atendia, também, aos interesses dos políticos dos governos militares.

Santos (2004), afirma que durante o MOBREAL vivenciamos um momento de regressão, principalmente no que diz respeito ao ensino da língua, pois as práticas desenvolvidas reportavam-se aos anos quarenta, tendo como objetivo a escrita do nome para aquisição do título eleitoral.

Mas, a mobilização dos cidadãos brasileiros na luta pelo direito ao acesso à educação daqueles que foram impedidos de estudar permanece. Até o momento que a própria Constituição Federal Brasileira, ao ser promulgada em 1988, fundamenta a materialização do reconhecimento social dos direitos das pessoas jovens e adultas à educação fundamental, com a conseqüente responsabilidade do Estado na oferta do ensino público, gratuito e universal.

Em 1996 acontece a aprovação da Nova LDB, com uma seção dedicada exclusivamente à educação básica de jovens e adultos. Em seu Art. 37 ela informa:

A educação de jovens e adultos será destinada àqueles que não tiveram acesso ou continuidade de estudos no ensino fundamental e médio na idade própria.

E ainda acrescenta no inciso primeiro que:

Os sistemas de ensino assegurarão gratuitamente aos jovens e aos adultos, que não puderam efetuar os estudos na idade regular, oportunidades educacionais apropriadas, consideradas as características do alunado, seus interesses, condições de vida e de trabalho, mediante cursos e exames.

Todavia, na prática o “projeto” de ensino não aconteceu como na teoria; assim, a luta permaneceu. Prova disso é a existência do Programa Nacional de Educação na Reforma Agrária (PRONERA), programa do governo federal gestado fora da arena governamental: um “arranjo” entre o Conselho de Reitores das Universidades Brasileiras (CRUB) com o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST). Na intenção de conseguir atender a todos cidadãos jovens e adultos trabalhadores que não tiveram acesso ao direito em aprender a ler e a escrever.

O MST nasceu da preocupação por uma Educação do Campo. Iniciou-se em 1997 com uma caminhada dos trabalhadores rurais Sem-Terra. Realizando deste modo, o I Encontro Nacional de Educadores e Educadoras da Reforma Agrária (I ENERA), em parceria com organizações como o Fundo das Nações Unidas para a Infância- UNICEF, a Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura- UNESCO, a Confederação Nacional dos Bispos do Brasil- CNBB e a Universidade de Brasília- UnB.

O compromisso dessa Conferência foi debater sobre a realidade das pessoas que vivem no campo. Assim, segue-se a luta em levantar os problemas e a forma de serem solucionados, tendo na Educação a base do conhecimento formal para as especificidades dos sujeitos envolvidos no processo.

Deve-se firmar a educação da EJA com uma política social de conscientização e direito. Direito negado àqueles que possuem saberes, vivências cotidianas marcadas por desafios constantes. “São jovens e adultos que têm uma trajetória muito específica, que vivenciam situações de opressão, exclusão, marginalização, condenados à sobrevivência, que buscam horizontes de liberdade e emancipação no trabalho e na educação.” (SOARES, p. 23, 2006).

Remete-nos à idéia de Educação em sua totalidade, não uma educação de “migalhas de conhecimento”. Uma educação que realmente amplie os horizontes e as possibilidades de melhoria de vida àqueles que não tiveram acesso à escola na idade própria por qualquer que tenha sido o motivo. Para isso, é necessário existir mudanças, mudanças concretas, positivas que visem atender e respeitar a diversidade dos indivíduos independente do contexto que estão inseridos. É preciso compreender que o saber popular possui histórias, sentidos. Deve-se construir uma educação que emancipe o sujeito e não o confine ao descaso, excluindo de sua própria história, sua própria identidade.

Santos (2004) menciona que a trajetória no contexto educacional brasileiro referente à educação de pessoas jovens e adultas, em sua maioria, se fez presente graças às campanhas emergenciais e assistencialistas, com o objetivo de fazer com que o indivíduo aprendesse a ler e a escrever o seu nome em tempo recorde.

Todavia, o Plano Nacional de Educação (PNE-Lei nº 10.172, de 09 de janeiro de 2001), tem como um dos objetivos para a educação de jovens e adultos programas que visem alfabetizar dez (10) milhões de pessoas, em cinco (05) anos e, até o final da década, erradicar o analfabetismo (meta prioritária do governo). Propõe, ainda, assegurar, em cinco (05) anos, a oferta de educação de jovens e adultos equivalentes às quatro séries iniciais do ensino fundamental para cinquenta (50%) da população de quinze (15) anos e mais que não tenha atingido este nível de escolaridade.

Acreditamos que será preciso o esforço de toda população brasileira para que este Plano tenha sucesso. Afinal, os jovens e adultos vivenciaram momentos difíceis em suas

trajetórias por não serem escolarizados. A elite, classe social privilegiada economicamente, não os via como sujeitos detentores de saberes e conhecimento, deixando-os a própria sorte.

Alfabetizar e escolarizar um grande número de pessoas jovens e adultos é um ato que demanda participação política, ação na tomada de decisões em prol de melhores condições para educação de nosso país, e conseqüentemente o acesso de todos ao direito que é garantido por lei. Concordamos com Garcia (1997) quando diz que “a alfabetização dos alunos das classes populares continua a ser, neste final de século, um desafio àqueles que não se conformam com o status quo”.

Santos (2004) relata que no final do século XX, a partir dos Encontros Nacionais de Educação de Jovens e Adultos (ENEJA'S), a expectativa nessa modalidade de ensino não é somente de ampliar o conceito de alfabetização, mas, também, de clarear a perspectiva de alfabetismo ou letramento, levando em consideração duas dimensões: uma individual, que compreende os aspectos relativos ao processo de apropriação da base alfabética da língua escrita; e outra sociocultural, que se refere às possibilidades e variedades de uso da leitura e da escrita.

Tal afirmação nos leva a pensar na realidade dos sujeitos da EJA. O acesso ao direito à educação deixou de acontecer em decorrência da disputa de poder da classe dominante, o interesse em manter o alto nível sócio-econômico de sua classe e as “facilidades” de conquistas “sociais”, tudo isso parece ser mais forte que a própria compreensão da necessidade dos sujeitos em escolarizar-se. As políticas públicas educacionais voltadas para tal questão são vistas com pouco poder de argumentação no que concerne aos direitos dos indivíduos.

Segundo Di Pierro (2005), a V Conferência Internacional de Educação de Adultos realizada em Hamburgo em 1997 proclamou o direito de todos à educação continuada ao longo da vida. Contudo, ainda não havia no Brasil consenso em torno desse paradigma. Isso prova que precisamos avançar mais, nos engajarmos neste projeto de forma que chamemos atenção dos órgãos competentes que é necessário fazermos parte desta “revolução”.

Ainda em relação à formação e à aprendizagem dos adultos a autora menciona o seguinte:



A necessidade da aprendizagem ao longo da vida se amplia em virtude também da elevação da expectativa de vida das populações e da velocidade das mudanças culturais, que aprofundam as distâncias entre gerações, às quais a educação de jovens e adultos pode ajudar a reduzir (p 1119).

Freire, em “Educação e Mudança” (1997), argumenta que o homem deve ser sujeito de sua própria educação. Entendemos que parece ser assim que os sujeitos jovens e adultos da EJA se colocam ao se perceberem como cidadãos que tiveram seu direito negado ao acesso ao ensino, pois vivem em uma sociedade cujas disputas de idéias e poder acontecem permanentemente para contagiar àqueles que lideram nosso país.

Devemos buscar uma alfabetização emancipadora para que se possa transformar a vida dos sujeitos em suas relações cotidianas. Uma alfabetização em que os sujeitos jovens e adultos possam agir e reagir na sociedade, ampliando a sua participação no processo político de forma democrática e conscientizadora, deixando de lado o medo para dar voz ao silêncio na luta pela igualdade de direitos.

Como diria o grande poeta Fernando Pessoa:

Há um país imenso, mas real  
Do que a vida que o mundo mostra ter  
Mais do que a Natureza natural  
À verdade tremendo de viver.

O Estado brasileiro precisa criar mecanismos formais com vistas a uma real democratização do ensino, como também o acesso das famílias menos favorecidas a condições melhores de trabalho para que seus filhos possam estudar e prosseguirem em sua caminhada, fortalecendo a condição de cidadão no concerne aos direitos sociais.

Entendemos que os jovens e adultos alfabetizados são sujeitos que fazem parte da história do povo brasileiro. Trabalham, cuidam de suas famílias, pagam impostos ... enfim, cidadãos comuns, dignos, honestos, acima de tudo batalhadores e confiantes, mesmo sabendo das dificuldades que enfrentam diariamente no meio em que vivem. Não desistem de lutar; necessitam transformar sua realidade de vida, conseqüentemente suas histórias de vida.

Ao pensar sobre a libertação e emancipação dos sujeitos educandos Freire (1987, p. 67) traz o seguinte comentário sobre a educação:

A educação que se impõe aos que verdadeiramente se comprometem com a libertação não pode fundar-se numa compreensão dos homens como seres “vazios” a quem o mundo “encha” de conteúdos.

Percebemos que a educação libertadora é um *ato político*. É a representação da luta daqueles que se assumem como agentes da própria história. Nesse sentido, a história é reconstrução, transformação. Porém, o que temos visto é que as políticas públicas educacionais ainda deixam uma lacuna para essa total liberdade, mesmo assim, os jovens e adultos de nosso país estão dispostos a enfrentar o desafio.

O projeto: “A produção de sentidos na educação de jovens e adultos” tem como proposta de trabalho uma pesquisa voltada para o debate das questões que envolvem o direito ao acesso à educação dos sujeitos jovens e adultos. Dentre os principais objetivos estão o fortalecimento do diálogo entre a Faculdade de Formação de Professores/UERJ e as escolas públicas do município de São Gonçalo, contribuindo para formação de professores jovens e adultos, bem como a análise/reflexão sobre os sentidos produzidos pelos alfabetizandos em seu processo de aquisição da leitura e da escrita. Tendo como objeto de análise as histórias e as memórias dos sujeitos envolvidos.

O *locus* privilegiado para pesquisa vem se consolidando no Colégio Municipal Presidente Castello Branco, lugar onde nos impulsiona investigar como se dão às relações entre alfabetizandos e o espaço-escolar em suas trajetórias de vida.

A perspectiva teórica-metodológica do projeto tem como referência as contribuições de Paulo Freire (1987, 1996), Soares (2000), Bakhtin (1992), Bosi (1994), dentre outros autores que possuem uma discussão no campo da educação de jovens e adultos, tomando como investigação a importância da memória, das histórias e das narrativas dos sujeitos em seu processo de escolarização.

Ao falar sobre o retorno de Jovens e Adultos à Escola, é necessário dizer como se deu a história da relação com o tema, e que por esse caminho resultou na elaboração da monografia.

Primeiramente, fomos selecionados a participar como bolsista em um projeto de iniciação à docência intitulado: “A Produção de Sentidos na Educação de Jovens e

Adultos”, que é integrado ao Núcleo de Pesquisa e Extensão: “Vozes da Educação” Memórias e Histórias das Escolas de São Gonçalo.

Nesse projeto, articulamos atividades de docência e pesquisa como processos formadores no campo da Educação de Jovens e Adultos em uma escola pública no município de São Gonçalo, cujo envolvimento compreendeu o período de abril de 2007 a dezembro de 2008.

Nesse período, como pesquisadoras, realizamos diversas atividades de oficinas que nos possibilitaram compreender os sentidos atribuídos pelos jovens e adultos em seu processo de aquisição da leitura e escrita bem como considerarmos como problema de investigação as dificuldades apresentadas por jovens e adultos alfabetizando ao interagirem com gêneros textuais, afinal, a cartilha é o principal suporte.

A nossa participação como bolsista no projeto nos possibilitou conhecer mais de perto a realidade dos sujeitos jovens e adultos da EJA. Pois, a EJA como lugar de alfabetização tem sido para alguns jovens e adultos o lugar de *primeiras leituras*; os *primeiros contatos com textos*; com o ensino sistematizado.

E, como resultado da pesquisa tivemos as atividades de oficinas pedagógicas realizadas pelos educandos do primeiro segmento desta escola, a consolidação de um grupo de pesquisa em Educação de Jovens e Adultos com professores e bolsistas do projeto, a realização de um curso de extensão envolvendo temáticas sobre direito à educação de jovens e adultos, dentre outras conquistas.

Em uma das oficinas, tivemos a oportunidade de conversar com uma educanda que nos falou que “morre de vergonha” quando alguém “descobre seu segredo”. Imaginamos que segredo seria esse, e se acaso poderia nos contar. E, ela nos disse que quando as pessoas descobrem que não sabe ler e nem escrever. Ainda acrescenta em sua fala:

Tudo o que gostaria é que um dia eu pudesse assinar o meu próprio cheque.

Naquele momento, foi possível perceber que ainda, em pleno século XXI, existem pessoas que não conseguem *assinar o cheque*. O “*assinar o cheque*” vai muito mais além de ter dinheiro na conta bancária e, neste caso, significa a autonomia do cidadão, a liberdade, a força de seu nome, sua identidade. O nome é tão importante como nossa própria vida, pois um sujeito sem nome é um sujeito sem vida. É assim que alguns sujeitos

da EJA parecem se sentir, sem vida, sem autonomia na tomada de decisões por acreditarem que existirão os que não irão ouvi-los, compreendê-los.

Por um bom tempo na história brasileira foi negado o direito dos jovens e adultos de terem voz na sociedade, de terem acesso à educação. No entanto, ainda existem muitos educadores comprometidos e dispostos a mudar o cenário “do fracasso”. Isso leva-nos a compreender perfeitamente a luta desenfreada do professor Paulo Freire em favor daqueles que foram esquecidos e, até mesmo, “abandonados” pela sociedade. O livro *Pedagogia do Oprimido* (1987) é o grito de alerta pelos sujeitos que são carregados de saberes e conhecimento naquilo que fazem, pessoas que estão dispostas a lutar por uma sociedade mais justa, mais igualitária.

Existe uma luta que não pára. Afinal, a educação dos jovens e adultos ainda não conseguiu alcançar um patamar pleno de direitos. Prova disso, está nas estatísticas oficiais que revelam um alto índice de pessoas consideradas analfabetas. Nesta dimensão, percebemos que as políticas públicas elaboradas pelo governo para a educação precisam avançar.

A EJA representa uma modalidade de ensino com um público bem diversificado que possibilita um trabalho amplo, ou seja, o pedagógico deverá estar articulado com as práticas das vivências e experiências dos indivíduos.

A legislação brasileira é flexível no que concerne a carga horária, a composição curricular e a forma de avaliar os educandos. Levando-se em conta tudo isso, é possível compor um currículo que avance em conteúdos e objetivos educativos, mas que permita a eficiente combinação na articulação entre as práticas escolares e as vivências dos sujeitos da EJA.

Uma das professoras participantes da pesquisa, do grupo I que compreende o ciclo de alfabetização, do Colégio Municipal Presidente Castello Branco, comentou sobre como percebe o comportamento de alguns alunos em relação a realização de atividades extra-classe, segundo ela quando dá uma aula diferente eles não entendem como aula. Mas, afinal, como está sendo preparada esta aula diferente? Quais são as estratégias elaboradas pelos docentes para intervir no universo dos educandos? É preciso termos a humildade em perceber os estudantes como sujeitos e não objetos, que só podem receber os conteúdos sistematizados.

Pois, o sujeito sabedor de sua participação e responsabilidade no espaço em que atua tomará decisões produtivas interagindo dinamicamente a partir de sua voz, conseqüentemente sua palavra.

Prova disso, foi exatamente o que aconteceu em uma oficina preparada por uma das professoras da instituição. Os alunos do grupo III fase 2 (atual 5º ano) foram levados a conhecer as dependências da escola como, também, a equipe pedagógica. Envolvidos neste projeto, os educandos se sentiram à vontade de questionarem e avaliar alguns procedimentos que acontecem na escola.

Assim, se colocaram na posição de sujeitos-cidadãos reivindicativos e perguntaram por que não podiam utilizar os computadores que existiam no local onde estudavam. A diretora os informou que naquele momento os computadores que lá estavam pertenciam ao Projovem<sup>1</sup>, mas que estaria lutando junto com os alunos para tal realização.

Diante disso, fica evidente que a participação e o posicionamento dos estudantes são possíveis de acontecer. Afinal, somos todos cidadãos. Não se pode aceitar que vivamos o século XXI com pessoas que não consigam usufruir o que lhe é de direito, a começar pela educação. Os jovens e os adultos têm direitos a ter direito, principalmente a uma vida digna e segura, e isso inclui a educação, pois, através do ensino e do conhecimento compartilhado, jovens e adultos se aproximarão mais e mais da realidade que os cerca.

---

<sup>1</sup> Projovem: Programa Nacional de Inclusão de Jovens cuja finalidade é oferecer a elevação do grau de escolaridade do jovem; qualificação profissional; e desenvolvimento de ações comunitárias com práticas de solidariedade, exercício da cidadania e intervenção na realidade local.

## **1.1 - A História da escola e a sua relação com a Educação de Jovens e Adultos.**

Inaugurado em 02 de abril de 1970, o Colégio Municipal Presidente Castello Branco é um dos pioneiros na Educação de Jovens e Adultos em São Gonçalo. E, ao longo de sua trajetória, tem sido berço das discussões pela qualidade da educação e melhores condições de trabalho e salários dos profissionais envolvidos.

Pode-se dizer que o Castello Branco é uma escola organizada no que concerne aos movimentos de greves, paralisações, como também, as discussões sobre políticas públicas educacionais do município. O ano de 2008 foi marcado por uma série de mobilizações, fazendo desta escola o lugar de encontros e debates que resultaram em uma greve, em prol de ajuste salarial para os profissionais da educação da rede pública municipal.

Esta escola é uma referência no município por agrupar, em sua equipe de docentes e funcionários, pessoas que lutam por uma educação transformadora. Somam-se a isso, o respeito e o reconhecimento dos saberes dos educandos.

No ano de 1970, o Jornal “São Gonçalo” homenageou esta escola por acreditar que esta entraria para história do município, divulgando a seguinte manchete: “revolução no campo educacional”. Daquela época até hoje já se passaram três décadas. Desde então, o Colégio Municipal Presidente Castello Branco tem sido reconhecido pela preocupação em buscar atender a todos educandos na luta pela conquista do direito a Educação. Principalmente, aos jovens e adultos trabalhadores que não tiveram acesso à escola na idade própria.

Esta “revolução” na educação dizia respeito sobre a “excelente qualidade de ensino” que seria proporcionada como, também, pela capacidade desta escola em atender a um grande número de estudantes da educação básica e do ensino médio. Infelizmente, no ano de 1999, deixou de ser oferecida nesta mesma instituição o ensino médio. Assim, o terceiro turno começou a se esvaziar. E mais, a Educação de Jovens e Adultos (que funcionava com o 1º segmento) deixou, também, de ser oferecida aos estudantes de forma seriada e passou a ser organizada em grupos semestrais. Tal mudança acarretou na ameaça de que alguns alunos seriam impedidos de concluir o 1º segmento do Ensino Fundamental na metade do

ano letivo. Este fato levou os estudantes a procurarem outro estabelecimento para terminar seus estudos.

Nesse sentido, travou-se uma luta em prol do ensino da EJA-2º segmento. A escola participou de Fóruns da EJA<sup>2</sup>, reuniões e debates para discutir os rumos da EJA, não só da escola<sup>3</sup>, mas, também, no município. Buscaram-se caminhos para realização de um projeto, cujo empenho havia uma única razão: não deixar os estudantes fora da escola.

Foram várias idas e vindas, reuniões, discussões, justificativas... Finalmente, no dia 24 de novembro de 2004 foi regulamentado o funcionamento da EJA do segundo segmento do Ensino Fundamental, nesta unidade escolar. Esta conquista da comunidade do Colégio Municipal Presidente Castello Branco foi noticiada pelo Jornal “O Nosso Jornal” ao publicar a portaria 016/2004 da Secretaria Municipal de Educação de São Gonçalo.

---

<sup>2</sup> Segundo pesquisa feita por Alvarenga (GT: Educação de Jovens e Adultos/nº 18- apresentada na Anped no ano de 2005) intitulada “O Plano Municipal de Educação e suas repercussões sobre o direito à educação de jovens e adultos: um estudo de caso” a Secretaria Municipal de Educação em São Gonçalo, ao buscar dar materialidade ao Plano Municipal de Educação instituiu, que no período de setembro de 2003 a abril de 2004, fosse criado um cronograma para a realização de quatorze fóruns, tendo sido dois deles dedicados à discussão da EJA, objetivando traçar as metas educacionais para esta modalidade de ensino para os próximos dez anos.

<sup>3</sup> Esta escola faz parte de um Plano Único de Funcionamento de Educação de Jovens e Adultos-1º e 2º segmentos da rede de ensino público em São Gonçalo, documento elaborado para se estabelecer as diretrizes de funcionamento desta modalidade, de acordo com as necessidades apresentadas, em consonância com a legislação vigente.

## **Cap 2 - Quem são os sujeitos jovens e adultos da EJA?**

### **Com a palavra: professores e estudantes.**

“Não é qualquer jovem e qualquer adulto. São jovens e adultos com rosto, com histórias, com cor, com trajetórias sócio-étnico-raciais, do campo, da periferia”.

Miguel Arroyo

O trabalho monográfico surgiu em decorrência de nossa inquietação sobre as expectativas de jovens e adultos ao (re) encontrar a escola. Esta aproximação com o projeto nos fez perceber que existe um número considerável de jovens e adultos trabalhadores que buscam o acesso ao direito à educação na tentativa de modificar o presente e ressignificar o futuro, algo visível na EJA.

Neste estudo, utilizamos como abordagem metodológica a pesquisa qualitativa de cunho etnográfico<sup>4</sup> (André, 2000), com o objetivo de analisar e problematizar as histórias de vida de jovens e adultos em processo de escolarização no que concerne ao seu retorno ao espaço escolar, para aprender a ler e escrever ou continuar sua relação com mundo da escrita, em local institucionalizado.

Acompanhar o cotidiano dos sujeitos jovens e adultos das séries iniciais do ensino fundamental possibilitou-nos uma inserção mais profunda na pesquisa, contribuindo para uma nova dimensão dos sentidos produzidos por estes educandos em suas múltiplas possibilidades de diálogos com as práticas de leituras e escrita, por meio de suas vivências dentro e fora do espaço escolar.

Pensar nos sujeitos jovens e adultos da EJA é, antes de tudo, buscar compreender quem são estes educandos, suas trajetórias de vida e atuação no mundo. São pessoas cujo direito ao acesso a educação lhes foi negado, assim, foram oprimidos e hostilizados por não

---

<sup>4</sup> Para André (2000) a etnografia em educação é a pesquisa que envolve a observação participante, entrevistas e análise de documentos. Como também, uma maior interação entre o pesquisador e o objeto pesquisado. E, que isso implica em um trabalho de campo mais abrangente.



saberem ler e escrever. Na luta pela liberdade de proferir a palavra e compartilhar seus conhecimentos muitos vêm na educação formal a possibilidade de um mundo melhor. Sujeitos que ainda na infância foram levados a assumir responsabilidades de adultos. Como por exemplo, trabalhar fora para ajudar a complementar a renda familiar – trabalhadores precoces. Outros por não terem o devido apoio da família nos momentos que mais necessitavam. Ainda existem aqueles que se sentiram “ameaçados” diante do fracasso escolar.

Arroyo (2006, p.23) menciona que os estudantes da EJA “não é qualquer jovem e qualquer adulto”. São jovens e adultos em busca da transformação da realidade. Um número imensurável de pessoas ainda não alfabetizadas ou escolarizadas. Na verdade, são pessoas que possuem seu modo e jeito de ser, com trajetórias de vida muito ricas; capazes de ensinar-nos muito por meio de suas práticas e experiências.

Para a professora E. S<sup>5</sup> o sujeito da EJA é variado, visto que jovens e adultos que procuram a EJA, são também distintos.

Os jovens, em sua maioria são extrovertidos e dinâmicos; buscam interação com toda a escola, ou seja, existe a necessidade da divulgação do seu *EU*. Para o/a jovem, a escola é sinônimo de encontro com amigos, namoro e muita diversão.

A professora E.S. descreve como ela percebe o adulto da EJA.

Já o adulto, formado por muitos idosos, que são aqueles ávidos por saberes que não acreditam estar dentro de cada um de si. Eles querem aprender a ler para dar exemplo a amigos e familiares, para não serem mais lesionados e não se sentirem por fora de tantas transformações. Querem ler a bíblia, querem melhorar a auto-estima.

São sujeitos “lutadores”. Pois, a cada dia procuram desafiar a si mesmo diante da realidade social de seu país. Ou seja, um país que considera com primazia os cidadãos letrados, sua cultura e seu modo de pensar.

Ainda em relação ao jovem e ao adulto, Marta Khol sinaliza que:

---

<sup>5</sup> E. S, formada em Pedagogia pela UERJ/FFP e pós graduada em docência do ensino superior pela Universidade Plínio Leite, trabalha com a modalidade EJA há cerca de 09 anos e atualmente leciona o grupo III da EJA ( correspondente ao 1º ano do 1º ciclo do Ensino Fundamental) em uma escola pública no município de São Gonçalo/RJ.

ele é geralmente o migrante que chega às grandes metrópoles proveniente de áreas rurais empobrecidas, filho de trabalhadores rurais não qualificados e com baixo nível de instrução escolar (muito freqüentemente analfabetos), ele próprio com uma passagem curta e não sistemática pela escola e trabalhando em ocupações urbanas não qualificadas, após experiência no trabalho rural na infância e na adolescência, que busca a escola tardiamente para alfabetizar-se ou cursar algumas séries do ensino supletivo. (pp. 58e 59).

Compartilhar sua história de vida é algo muito marcante e inquietante, pois leva os sujeitos ao reencontro com as marcas do passado assim como declara F<sup>6</sup>:

Perdi meu marido em um acidente de carro há quase três anos. Estávamos juntos..., ele morreu na hora. Foi muito triste... Éramos felizes. Ele nunca havia me deixado trabalhar ou estudar. Com a morte dele e o nascimento dos meus netos, resolvi ir para escola por acreditar que é lugar para aprender tudo que não pude aprender anos atrás. Tive uma vida sofrida. Meu pai abandonou a minha mãe quando ainda éramos pequenos.

Neste sentido, é possível perceber com Arroyo (2006, p.23) que:

Não é a história da construção de qualquer jovem, nem qualquer adulto. São jovens e adultos que têm uma trajetória muito específica, que vivenciam situações de opressão, exclusão, marginalização, condenados à sobrevivência, que buscam horizontes de liberdade e emancipação, no trabalho e na educação.

Assim, compreendemos que alunos da EJA são sujeitos de sua própria história de vida, da experiência vivida. O aprender é na escola, na comunidade, na rua, na igreja, nas festas de finais de semana... O diálogo é a marca presente destes indivíduos, pois acreditam que a relação com o outro é sempre bem-vinda, principalmente quando este outro compreende seu jeito de estar no mundo. E estar no mundo é a forma de conhecê-lo melhor.

Vejamos o que nos diz a estudante S.L em uma das atividades de oficina realizada por intermédio do Projeto de Iniciação à Docência no qual atuamos como bolsista até o mês de novembro de 2008. Neste encontro foi discutido o texto “A última crônica” de Fernando Sabino, o que nos levou a refletir sobre o cotidiano da maioria das pessoas brasileira e suas

---

<sup>6</sup> F - aluna do Grupo I Fase I (Alfa ) participante da oficina realizada em uma escola pública no município de São Gonçalo, lócus da pesquisa, através do Projeto “ A Produção de Sentidos dos Jovens e Adultos”.

reais condições de dificuldades no momento que tentam oferecer algo de melhor para seus filhos.

#### <sup>7</sup>Conto de minha vida

A alguns anos atrás eu morava no interior costumava colocar minhas filhas para dormir, e eu colocava a esteira do lado de fora e ficava sentada pensando na vida, olhando para o céu, vendo as estrelas brilhar, e vi uma estrela cadente e fiz três pedidos, educar minhas filhas, e superar todos os problemas, e voltar a acreditar no amor! Hoje consegui realizar todos, e sou Muito feliz.

Os jovens e adultos da EJA são perseverantes. Não desistem de lutar, sempre se mostram interessados em aprender, em conhecer. Sentem uma necessidade muito grande de “preencher o tempo” considerado por eles mesmos como “perdido”. A força e a determinação são duas palavras que se encontram constantemente no vocabulário desses sujeitos, pois, mesmo com todas as dificuldades, não querem esmorecer ou desistir.

Nesta dimensão o MOVA-SP (1990) nos afirma que nas produções espontâneas dos educandos poderemos descobrir seus valores, imagens anteriores, pressuposições, regras de comportamento, crenças, rituais, medos, desejos: marcas da realidade sócio-cultural perpassando as marcas psicológicas.

Em um de nossos encontros neste projeto, discutia-se sobre a leitura e as dificuldades que as pessoas ainda enfrentam hoje por não saber ler, e assim necessitam da ajuda daqueles que tiveram acesso ao *conhecimento sistematizado*. Então, M. R. declarou o seguinte:

<sup>8</sup>Quero aprender a ler e a escrever rapidinho para evitar passar vergonha, não suportar quando alguém descobre meu segredo.

---

<sup>7</sup> Texto reproduzido conforme a escrita da estudante S.L. do Grupo III Fase I (3ª série).

<sup>8</sup> Fala da aluna M. R em uma de nossas oficinas.

A professora E.S. considera o público da EJA delicado, “carente” e que muitas vezes chega à escola desprovido de auto-estima, mas cheios de “saberes”, através de suas “experiências de vida”. Ela acrescenta:

Eles trazem coisas deturpadas, informações que devem ser repensadas, reconsideradas. Sem contar que a maioria não apresenta noção sobre seus direitos e deveres, levando-os assim, a serem desrespeitados, lesados e desconsiderados pelo fato de alguns os considerarem como “iletrados” ou “analfabetos funcionais”.

Nesse sentido, é preciso compreender a análise de Gallo (2001) sobre a formação dos alunos que diz:

A formação do aluno jamais acontecerá pela assimilação de discursos, mas sim por um processo microssocial em que ele é levado a assumir posturas de liberdade, respeito, responsabilidade, ao mesmo tempo em que percebe essas práticas nos demais membros que participam deste microcosmo com que se relaciona no cotidiano.

É preciso transformar, mudar, visualizar outras possibilidades que os levem a tomar parte das ações próprias de suas experiências. A professora E.S., ao comentar sobre a forma como os educandos se vêm ou se aceitam, leva-nos a visualizar um educando frágil, sem autonomia, sem liberdade. Entretanto, Gallo (2001) deixa explícito que a formação do aluno jamais acontecerá pela assimilação do discurso. Assim, é preciso repensar que parte desta formação depende do posicionamento e da atitude do educador, pois, no que concerne aos educandos, muitos têm procurado um novo jeito de enfrentar o mundo e a realidade que os cercam. Jovens e adultos alfabetizando que já não mais aceitam “ameaças” ou dificuldades da vida. Já não mais estão “guardados” em seus “casulos”. Freire (1979), ao discutir sobre Educação e Mudança, enfatiza justamente essa idéia de que *estando no mundo, saber-se nele*.

Os jovens e adultos fazem reflexão de suas ações e realidade de vida e percebem a necessidade de retornarem à escola. Compreendem a importância do papel da escola na formação dos sujeitos no que concerne ao aprimoramento da leitura e da escrita para terem acesso a determinados tipos de conhecimento. Pois, afinal, a vida já lhes ensinou muitas coisas. Porém, “( ... ) a escola é uma instituição cujo objetivo fundamental é a socialização dos conhecimentos acumulados”. (SILVA,1990, p.25)

Estudar na idade própria não foi possível constar na história de vida de muitos sujeitos da EJA. A professora C. E<sup>9</sup> comenta que são pessoas que não tiveram oportunidade de ingressar na escola devido a preconceitos e dificuldades financeiras. E, não somente isso, acrescenta:

Existem pessoas que deixaram de estudar por sofrer discriminação na própria escola. Muitos profissionais da educação das escolas em que essas pessoas rapidamente passaram não souberam acolhê-las, assim, se sentiram abandonadas, desprezadas.

Percebemos que o sujeito da EJA não desiste de lutar, enfrentam os problemas com determinação. Estão dispostos a continuar acreditando no sonho, pois, o sonho dá forças para continuar o caminho. Discutindo-se sobre o perfil deste sujeito a professora A.P diz o seguinte:

Pensar no sujeito da EJA é pensar numa parcela da população brasileira que sofre discriminação e exploração de todo tipo por parte de um pequeno grupo dominante, eles lutam contra o sistema e arranca o direito à Educação Pública e gratuita. A história desses sujeitos é contada a partir das conquistas alcançadas através de lutas incansáveis pelo direito ao acesso a Educação.

Alfabetizar-se e escolarizar-se são duas ações outrora, talvez, vistas como impossíveis, não podiam constar em suas trajetórias de vida. Hoje, os jovens e os adultos têm procurado enfrentar as dificuldades, as discriminações, o cansaço e o próprio medo, para enfim, realizar o projeto de vida: aprender a ler e a escrever, de forma que possa compreender melhor aos outros, a si mesmo e ao mundo.

Em uma das atividades de oficina proposta em nosso projeto o tema se intitulava *Recordar é viver* o que provocou muitas lembranças sobre as dificuldades e privações vivenciadas na infância pela maioria dos educandos assim, os textos produzidos puderam traduzir o sentimento de tristeza vivenciado no passado.

---

<sup>9</sup> A fala da professora C.E e dos demais professores aqui mencionados fazem parte das entrevistas realizadas na escola lócus da pesquisa onde produzimos reflexões/análises através do Projeto de Iniciação à Docência : “A Produção de Sentidos na Educação de Jovens e Adultos”.

<sup>10</sup>Quando eu era um criança  
Eu tinha que trabalhar ao invés de estudar  
Eu tinha que trabalhar todo os dias  
E quando o padeiro passava dizendo olha o padeiro  
Conpra o pão quem tem dinheiro eu ficava muito triste.  
A escola eu não podia ir poque o meu pai não deixava.  
Ele dizia escola não dar comida a ninguém,  
Você trabalha se quiser comer.

<sup>11</sup>Nasci em Rio Bonito, num bairro muito distante do centro da cidade, era roça mesmo. Quando eu era criança fui à escola somente uma vez.

Sabedores de sua relação com o mundo e com as pessoas por entender que tudo isso faz parte de uma dinâmica e de posicionamento de atitudes e ações, muitas vezes se vêem em situações conflitantes, afinal, vivem em uma sociedade dita capitalista, em que o poder sócio-econômico por via de regra dita as normas políticas do país. Nisso, compreendem que é preciso unir forças para que juntos possam produzir projetos de vida através da educação.

Afinal, “a alfabetização como ato de conhecimento, como ato criador e como ato político é um esforço de leitura do mundo e da palavra”. (Freire, 1996, p.30)

Os jovens e adultos inseridos na EJA são sujeitos de trajetórias de vida muito similares. Buscam oportunidades de trabalho na cidade ou, até mesmo, a escola para beneficiar suas famílias. Assim, aprender a ler e escrever pode ser visto como um caminho possível para melhores condições sócio-econômicas dos educandos. As histórias por serem parecidas, às vezes, até se confundem, todavia, os sujeitos reescrevem a realidade do meio em que atuam.

Oliveira (1999), ao relatar que o adulto da EJA é geralmente o migrante que chega às grandes metrópoles, nos revela o quanto a cidade está cada vez mais repleta de mão-de-obra não qualificada para o mercado de trabalho urbano em virtude do “inchaço” que vem sofrendo nos últimos anos. Assim, uma enorme quantidade de pessoas que precisava estar na escola acaba cedendo à oferta de baixíssimos salários para sobreviver.

Isso nos revela um “retrato” da condição de vida de boa parte dos cidadãos brasileiros, tendo em vista, que ainda existe um número bastante significativo de pessoas a

---

<sup>10</sup> Texto produzido pela aluna M. A ao recordar de sua infância.

<sup>11</sup> Texto produzido pelo aluno W. S ao recordar de sua infância.

serem escolarizadas, ter acesso à educação, direito garantido pela lei, estar inserido no mundo das inovações sociais e tecnológicas.

É possível perceber que alguns sujeitos são marcados por rejeições, por baixa auto-estima, por fracasso escolar. Enfim, uma série de situações negativas que poderia fazê-los desanimar. Como, por exemplo, uma situação amarga vivenciada na infância por M. R.<sup>12</sup> em que ela nos conta que seu pai morreu quando ainda era criança, com apenas sete anos de idade. Logo, sua mãe desesperada, sem saber como cuidar dos filhos sozinha, a entregou para uma família muito rica que a tratou como *escrava*, perdendo assim, grande parte de sua infância.

No entanto, são pessoas que acreditam na possibilidade de libertar-se de qualquer situação de opressão, de sofrimento. E, no mistério que é a vida, procuram tirar lições das experiências do passado para, finalmente, elaborar um novo projeto de vida. Projeto este que inclui o retorno à escola, o encontro a novos amigos, a busca pela transformação.

Assim concordamos com Bosi (1994) que nos diz:

Por nítida que nos pareça a lembrança de um fato antigo, ela não é a mesma imagem que experimentamos na infância, porque nós não somos os mesmos de então e porque na percepção alterou-se com ela nossa idéia, nossos juízo de realidade e de valor.

Esses sujeitos, de forma modesta, apresentam seus conhecimentos e suas qualidades em gestos simples que são capazes de levar-nos a compreender melhor o ser humano. Em um dos encontros a educanda H. B. de sessenta e nove anos de idade, ex-aluna do Programa Brasil Alfabetizado<sup>13</sup>, disse-nos que o tempo mudou muita coisa em sua vida e que hoje já não tem a mesma força quando era jovem, porém, ela escreve o seguinte:

---

<sup>12</sup> M. R: estudante do grupo II (equivalente ao atual 2º ano do ensino fundamental), chegou ao Castelo Branco sem saber ler e escrever, mas aos poucos tem se revelado como uma das estudantes mais aplicada na realização das tarefas escolares e principalmente, na conquista da aquisição da leitura e da escrita.

<sup>13</sup> Programa Brasil Alfabetizado: foi implementado em 2003 pelo governo federal para “erradicar” o analfabetismo no Brasil. Tinha por finalidade atender jovens e adultos de 15 a 29 anos que não tiveram acesso à educação ou foram excluídos da escola.

Felicidade é sempre mais um dia de vida.  
Felicidade é estar estudando.  
Felicidade é ter paz e amar.

Para a professora M. T, uma das participantes do curso de extensão realizado pelo projeto de iniciação à docência, os sujeitos da EJA são pessoas trabalhadoras que em idade própria, não puderam estudar e, agora, retornam tentando recuperar o direito negado. Ao se referir ao adulto, ela menciona que eles vão para escola com muita “sede” em aprender. Em relação ao jovem, a educadora afirma que a maioria vai para o turno da noite porque “são repetentes, não conseguem estudar durante o dia”. Ela ainda faz surpreendente observação, que os jovens possuem histórico de abandono na EJA.

Entretanto, é preciso considerar que existem casos de abandono por necessidade de trabalho, ajuda financeira à família. Muitos são arrimos da família. Ao se reconhecerem na condição de “chefe” da casa, jovens e adultos tentam fazer do impossível, o possível. Prova disso encontramos na fala de um dos educandos que, certo dia disse-nos, que “foi camelô, passava horas na rua, dias e noites, mas, nada faltou aos seus filhos”, por isso, está estudando agora.

Freire (1997), em Educação e Mudança, problematiza que não é possível fazer uma reflexão sobre o que é a educação, sem refletir sobre o próprio homem. Então, perceber quem é o sujeito da EJA é reconhecer que são pessoas com trajetórias de vida marcadas por muitas dificuldades, opressão e negação.

A professora N.T, educadora do grupo II (equivalente ao 2º ano do ensino fundamental) diz que se sente privilegiada em ser educadora da EJA há dez anos, o que a fez firmar laços de amizade e companheirismo profissional nesta escola. Em relação aos sujeitos da EJA ela menciona o seguinte:

Pessoas muito importantes. Pessoas que trazem experiências. Trocamos experiências de igual para igual. Somos amigos. São pessoas autônomas, temos que respeitar. Nós professores aprendemos com outro, eles têm muito a contribuir. A experiência que tenho hoje me faz ver por essa ótica. Assim, eles se sentem felizes, seguros.

Todos encontros das oficinas foram marcantes, porém, houve um muito especial. Ao fazermos a leitura do texto “Retrato”, foi possível perceber que os olhos de alguns



pareciam brilhar diante da emoção em ouvir um poema tão fascinante. Ao serem questionados se alguém já tinha ouvido algo a respeito da escritora Cecília Meirelles (autora do referido poema), nesta turma todos disseram que “não”. Então, relatamos um pouco sobre a biografia da autora, informando-os que poderiam fazer suas anotações ao final da oficina. Entretanto, quando vêem alguma coisa escrita no quadro querem copiar logo, imediatamente.

Ao nos despedir, todos estavam com sorriso “estampado” em seus rostos. Inclusive, a professora J. M, participante do curso de extensão do projeto; pessoa muito estimada pelos estudantes da alfabetização, pelo seu jeito de ser e agir com seus alunos, nos agradeceu e, não totalmente satisfeita, pediu a uma criança (filha de uma aluna da EJA) para nos agradecer novamente. Foi possível perceber que, a partir daquele dia, alguns educandos passaram a ter um contato maior com os livros pelo modo que se expressavam e narravam a respeito da vida de personalidades da literatura brasileira.

Os jovens e adultos da EJA são, notadamente, pessoas muito sensíveis ao que concerne às suas histórias de vida. Afinal, elas persistem em lutar pela (re)conquista dos seus sonhos e objetivos que os levam, a cada dia, a lugares inimagináveis, através das leituras e releituras que fazem cotidianamente do mundo que vivem. Acreditam, assim, que é possível escolarizar-se mesmo que estejam afastados muitos anos da escola.

O interesse em aprender a ler e escrever rapidamente, por vezes parece levar boa parte dos educandos a um sentimento de angústia. Ficam inquietos se não vêem nenhum tipo de escrita no quadro negro ou se a atividade “foge” a regra do tradicional nas escolas, como, por exemplo, participar de uma palestra.

<sup>14</sup>Justo hoje que tenho muito dever para fazer?

Neste encontro refletimos sobre o poema “Rosas Silvestres” de Clarice Lispector. Pensávamos sobre a riqueza do poema como também na própria autora. Então, uma estudante ficou preocupada com a hora e comentou sobre o dever que precisava fazer, pois, não tinha concluído em casa a atividade solicitada. Informamos que os nossos encontros

---

<sup>14</sup> Desabafo ao perceber que não conseguiria dar conta da quantidade de exercícios que haviam sido propostos pela professora da classe e participar da oficina agendada.

são realizados quinzenalmente, por isso, não estávamos usufruindo tanto tempo assim. Imediatamente ela replicou:

Ah é porque a gente é dona de casa, fica muita coisa pra fazer!

Falamos que compreendíamos perfeitamente sua situação e que ajudaríamos no que fosse possível, inclusive cooperando na execução do exercício que não havia sido feito. Mulheres, mães, donas-de-casa, que precisam se esforçar bastante durante o dia em seus lares e à noite na escola para, enfim, conseguir realizar a tão sonhada tarefa, a de concluir seus estudos. Desabafam, pois, necessitam trazer à tona as suas reais condições diante do novo projeto de vida.

Deste modo, é perfeitamente compreensível a observação de Freire (1996) quando comenta em relação ao nosso envolvimento com os sujeitos da EJA na “ânsia” por ensinar, empreender novas idéias, novos sentidos:

Temos de respeitar os níveis de compreensão que os educandos \_\_ não importam quem sejam \_\_ estão tendo de sua própria realidade. Impor a eles a nossa compreensão em nome de sua libertação é aceitar soluções autoritárias como caminhos de liberdade.

Eles querem muito estudar, aprender a ler, alguns chegam a dizer que “não sabem nada”. Como não sabem nada, se possuem brilhantes experiências de vida? Permanecem, por mais ou menos três horas sentados, interagindo com o professor e amigos. Discutem sobre política, saúde, educação, trabalho... Pois, apesar de reconhecerem que a escrita é pouca, dialogam sobre vários assuntos em sala de aula. O educador prepara o conteúdo, mas os educandos são os que criam a atmosfera indispensável para a troca de conhecimentos.

Em uma das oficinas tivemos um assunto bastante polêmico que proporcionou uma participação representativa na maioria das turmas. O tema era violência. Os educandos se sentiram à vontade. Em suas falas quiseram deixar claro que a violência só leva à tragédia das famílias e das pessoas envolvidas.

A atividade final se resumia na realização de um cartaz envolvendo o tema, sendo elaborado por grupo de três a quatro alunos. Uma equipe do grupo III, fase II (antiga 4ª série) relatou o seguinte:

A violência está cada dia aumentando mais por causa da falta de educação, falta de amor, falta de paz ,etc, A violência gera a violência, pois não só a mulher que sofre todas as violências o homem também sofre com essa violências, pois nós não acreditamos na Lei. O que mais vemos hoje é a mulher sendo espancada, sendo agredida. E o homem não tendo punição por isso nós não acreditamos na Lei dos homens acreditamos em Deus porque Ele sabe o que faz. E Ele sabe da dor de cada um.

Uma equipe do grupo III, fase I (antiga 3ª série), sintetizou o tema em uma única frase:

A violência explode a vida.

A palavra do educando da EJA tem valor, tem sentido. Concordamos com o MOVA –SP (1990), ao dizer que o sujeito ativo é aquele que se coloca sempre numa postura inquiridora diante do mundo e, com os outros, em sua atuação como agente histórico. *Afinal, é o sujeito capaz de aprender pensando: formulando hipóteses construídas, superando os conflitos cognitivos e avançando no sentido de novas reestruturações.* (p.14)

Na turma da Alfa, ao discutir sobre a violência, os educandos disseram acreditar que o Brasil enfrenta muitas violências: contra a mulher, doméstica, sexual, urbana, etc. Todavia, segundo eles, existem países em situações piores. O Sr. L. C<sup>15</sup> comentou que “o presidente Luís Inácio Lula tem boas intenções e procura fazer muitas coisas para ajudar a população”. Entretanto, acrescentou o aluno, “ele não governa sozinho”.

A estudante E.M. de 63 anos de idade, casada, mãe e avó, disse que a violência pode se apresentar de diversas formas. Inclusive, naquele mesmo dia, havia sofrido violência verbal em seu setor de trabalho, que, segundo ela, a colocou em situação constrangedora e humilhante, deixando-a “muito triste”.

Viabilizar uma nova perspectiva de vida parece ser possível, se os educadores e profissionais de toda sorte respeitarem os conhecimentos e saberes dos educandos. Afinal, é importante dar a eles condições de construir e reconstruir suas próprias histórias,

---

<sup>15</sup> Estudante do 2º ano, 60 anos de idade, profissão: metalúrgico.

reveladas e melhor compreendidas a partir da significação do “Ato de estudar”. Baseadas em lutas, trajetórias de vida de pessoas que estudam e trabalham e se esforçam a cada dia na aquisição e no aprimoramento da leitura e da escrita.

Os educandos da EJA são perspicazes, criativos e comunicativos.

Desenvolvemos uma oficina com o tema “Eleição”, cujo texto que nos serviu de base para discussão foi: *Votar e acompanhar* do ilustre sociólogo Herbet de Souza (Betinho). Elaboramos três personagens à candidatura para os cargos em disputa na época que se intitulavam nos seguintes nomes: Engano, Prometo e Cumpro. Ao fazermos uma prévia das “eleições” para saber qual dos candidatos ganharia na disputa pelos votos, tivemos a surpresa: quem ganhou foi o Engano.

Houve um momento de silêncio na classe. Questionamos: mas será por que Engano ganhou? Foi simples a resposta de uma das alunas. Ela disse:

Quando assistimos as promessas pela televisão, eles nos convencem tão bem que a gente acaba votando neles, mas depois percebemos que fomos enganados. Então, Engano (“candidato”) acaba ganhando, e quem realmente iria trabalhar pela população não consegue se eleger.

Desta forma, os alunos chegam a seguinte conclusão:

Os que prometem “bem” são os que não vão cumprir as promessas. As pessoas acabam se frustrando e não acreditando nos políticos. Apesar, da democracia, ainda, somos sufocados pelo sistema do “Toma Lá Dá Cá.”

Ao analisar as falas dos sujeitos da EJA somos levados a pensar na realidade de todos cidadãos brasileiros que buscam uma sociedade solidária e humana em nosso país. Pois, a simplicidade e a inteligência contagiam todos aqueles que fazem parte de suas relações pessoais e interpessoais possibilitando uma visão diferente do mundo, das pessoas. Abrindo portas para novas experiências e possibilidades. Isso é Educação.

### **Cap 3- Jovens e adultos: um (re) encontro com a escola**

A palavra não foi feita pra enfeitar, brilhar como ouro falso; a palavra foi feita pra dizer.

Graciliano Ramos

Os sujeitos jovens e adultos ao chegarem à escola trazem consigo uma grande “bagagem” de conhecimento que muitas vezes não é reconhecida pelos “mestres da palavra”, pelos “mestres da Ciência”. Todavia, o saber desses indivíduos representa um conjunto de atos contínuos que se acrescentam no tempo; são vivências e experiências compartilhadas no intuito de aprender e apreender as inovações que acontecem no mundo. Jovens e adultos reelaboram o seu “mundo” modificando o seu espaço, possibilitando, com isso, mudanças e transformações nos lugares por onde passam, ou seja, deixam suas marcas.

Ao decidir (re)encontrar a escola o jovem e adulto da EJA na verdade chama para si a responsabilidade em assumir um lugar que lhe é de direito. Um direito que lhes foi negado pela fragilidade das políticas públicas voltadas para os interesses e necessidades das classes populares. Vale dizer, o direito de estar na escola, alfabetizar-se e escolarizar-se, ou seja, ter acesso ao conhecimento institucionalizado, sistematizado pela humanidade. Jovens e adultos, ao retornarem à escola manifestam o seu desejo de transformarem suas histórias de vida e dispostos a lutar, dia após dia, apesar das dificuldades para tornar esse desejo em realidade. Em sua maioria, são pais trabalhadores, mães trabalhadoras e jovens em busca de uma oportunidade de trabalho ou de dar continuidade ao seu processo de escolarização.

Santos (2003) menciona que o sujeito adulto, ao se perceber na condição de pouco escolarizado, e que isso se constituiu em diversos constrangimentos sociais, acaba se sentindo motivado a tomar a decisão em favor do retorno aos bancos escolares. Não querem passar por discriminação ou preconceito em virtude da pouca capacidade de leitura ou escrita.

Alguns sentem vergonha quando alguém descobre seu “segredo”, como por exemplo, o de não saber ler. Todavia, eles possuem conhecimentos riquíssimos que não se

encontram nos livros. Em um dos nossos encontros a professora E. S. já mencionada anteriormente, que trabalha com a EJA cerca de nove anos, comentou que, apesar de eles (seus alunos e alunas) serem bons em matemática, em “cálculos mentais”, muitos “não conseguem fazer cálculos no papel com facilidade”. Essa situação pode nos dizer que tanto a experiência de vida pode ganhar uma dimensão maior que as estratégias pedagógicas elaboradas pela escola, como, por outro lado, afirma a necessidade de se repensar outras tantas estratégias pedagógicas que incorporem conhecimentos construídos a partir da prática social vivida.

Pensar como vive e age o homem diante da complexidade do mundo, constitui ponto de partida para uma leitura crítica da sua própria realidade. Nesta inquietude, os sujeitos se vêem inconclusos e acreditam que o espaço escolar possa dar conta daquilo que eles não conseguiram aprender. A essência do presente cede lugar a uma nova dinâmica de vida para as conquistas aspiradas no futuro. Desta forma, jovens e adultos avaliam as novas possibilidades de vida ao ter acesso ao ensino e decidem em retornar à escola.

Como diria Freire (1997):

Quando o homem compreende sua realidade, pode levantar hipóteses sobre o desafio dessa realidade e procurar soluções. Assim, pode transformá-la e com seu trabalho pode criar um mundo próprio: seu eu e suas circunstâncias.

As histórias de vida dos educandos são muito similares. A educanda H. B. do grupo IV fase 2 (equivalente ao 7º ano) entregou o relato feito a próprio punho sobre sua trajetória de vida, e conta-nos como conseguiu superar as dificuldades e até mesmo as lembranças do passado. Uma infância que não a deixou conhecer bonecas e as brincadeiras de roda, mas que a levou a enfrentar uma vida de “gente grande”, trabalhando como babá.

Eu nasci 09-10-1939 no Estado do Espírito Santo. Vim para Niterói com meus pais com 11 anos, comecei a trabalhar em casa de família como babá muitos anos nunca estive no colégio, o meu sonho era estudar mais meus pais nunca deixou por ser menina (mulher) tem que ser uma boa dona de casa. É depois me casei, em casa comecei a lavar roupa para fora e tive 6 filhos, estudaram e eu comprava caderno e livro para eles. Agora chegou a minha vez de estudar, porque sempre tive vontade de estudar.

Comecei o Programa Brasil Alfabetizado no ano de 17/08/2004, em uma igreja evangélica onde fiquei 4 meses e terminou, fui pro C.B estou amando foi a melhor coisa que eu fiz.

Aprendi a me comunicar com as pessoas e tenho um estilo de vida melhor.

Hoje em dia faço hidroginástica no Tamoio e caminhada, estudo e vou pra igreja.

A história de vida da educanda nos possibilita entender, assim, com Le Goff (1992), que a memória não se baseia apenas na construção da memória psicológica e biológica. Mas, sim uma constante articulação entre passado e presente, o que a faz decidir em trilhar um caminho com novas possibilidades de vida, uma vida sem discriminação ou preconceito por ser mulher. Afinal, ser mulher não pode ser sinônimo do não direito ao ensino, não direito a se expressar, a estar no mundo e sentir-se nele.

Moll (2008) nos assegura que:

Reconstruir o trajeto de retorno e de “inscrição simbólica” no espaço escolar é um dos primeiros desafios no trabalho com estes homens e mulheres marcados por situações escolares, inúmeras vezes, desfavoráveis. Para muitos a escola ficou para trás há muito tempo, é coisa de criança, apesar de seu desejo de aprender a ler e a escrever.

O re(encontro) com o espaço escolar significa mudança nas trajetórias de vida destes sujeitos de modo bastante singular. Representa a libertação, a dignidade, o respeito. Estar na escola é assumir uma postura antes imaginada, planejada. Afinal, foram impedidos de continuar estudando por ter que optar pela permanência no trabalho, para cuidar da casa e dos filhos ou até mesmo por não ter alcançado notas suficientes exigidas pelo sistema de ensino.

Estar na escola é vivenciar situações semelhantes com indivíduos que não conhecemos, mas que a partir deste encontro passarão a fazer parte de nossas trajetórias. E, nessa busca pelo conhecimento, o objetivo dos alunos que tivemos o privilégio em conviver é aprender a ler e escrever “rapidinho” para realizar o tão sonhado sonho.

O comprometimento e a dedicação nas atividades educacionais contagiam tanto aos educadores quanto àqueles que os cerca. É possível perceber que a idealização de estar na escola está acima de qualquer obstáculo. Enfrentam diversas dificuldades não se deixam

esmorecer. Muitos vão à escola com a saúde debilitada, às vezes, cansados em razão do trabalho, frágeis pela luta que enfrentam dia-a-dia

A educanda L. M. do grupo IV fase 2 ( atual 7º ano) disse que decidiu voltar para escola ao ouvir a música da Campanha do Governo em uma emissora de TV. Ressalta que só fez chamar à sua atenção para um sonho que já existia. Ela dá o seguinte depoimento:

A escola é uma terapia, sou uma pessoa bem melhor. O estudo tem me ajudado muito no dia-a-dia. Já consigo resolver os problemas, agora, às vezes, é que eu necessito da ajuda de alguém para resolver meus negócios, antes era constante.

Atualmente, L. M trabalha como empregada doméstica, porém, “seu sonho é de terminar o ensino médio”. E, acrescenta que “não quer parar”, pois pretende fazer uma faculdade. Reconhece que não será fácil, pois está com cinquenta anos de idade, mas não irá desistir.

Este depoimento dado por L. M. nos leva ao encontro de Paulo Freire (1997, pp. 27:28) ao nos dizer que “a educação é possível para o homem, porque este é inacabado e sabe-se inacabado”.

Percebemos que a educanda L.M consegue visualizar uma transformação permanente em sua vida, em sua nova maneira de interagir com o mundo. Agora seus *temores vão diminuindo*. Ela acredita ter conquistado o seu “espaço social” na luta pelo direito a educação.

Freitas (2007) esclarece que é pela alfabetização que o sujeito adquire a base para a apropriação das diferentes áreas do conhecimento produzido pela história da humanidade, pois a alfabetização abre portas de entrada para o mundo gráfico/letrado que os homens produziram através das relações socioculturais. Assim, acrescenta, pela leitura e escrita o sujeito estará apto a ser autor da sua história.

Esta autonomia tem sido vista nos educandos da EJA através de sua nova forma de enfrentar o mundo, tentando superar as indecisões, o medo. Parecem estar determinados a vivenciar novos desafios, re(construírem) suas histórias de vida. As recordações e as lembranças tornam-se aliadas de primeira linha neste retorno, pois em suas memórias estão presente os motivos que os impediram de estudar.



Em um de nossos encontros da oficina pedagógica, P. R, do grupo I fase II, pertencente a classe de alfabetização relatou que não estudou quando criança devido a atitude de seu pai em relação aos estudos. Disse-nos que o pai acreditava que o trabalho é tudo na vida de um homem. Assim, desde a tenra idade foi obrigado a trabalhar no açougue da família. O “pai- patrão” não lhe reservava um horário sequer para ir à escola. Agora, já adulto e pai de família resolveu estudar na expectativa de suprir suas necessidades de estudos, pois reconhece que precisa aprender mais. Argumentou que “sua vida será bem melhor através do acesso à leitura e à escrita”. E, acrescentou que tem duas filhas, uma de quinze anos e outra de oito, desta forma não pode deixar que suas “pequenas” vivam como ele viveu.

Tfouni (1988) comenta que por abrir mão do próprio conhecimento, em larga escala fundamentada no senso comum e em práticas culturalmente herdadas, é que os não alfabetizados pagam um preço para sobreviver e, muitas vezes, subsistir, dentro das sociedades modernas.

Os jovens e adultos alfabetizados não estudaram na idade própria por uma série de motivos que os impediram de continuar. Podemos citar alguns como exemplo: intransigência dos pais, dificuldades de acesso, falta de conciliação entre o horário de trabalho e estudo, ou até mesmo a própria falta de atenção da escola em auxiliar e acompanhar àqueles que tinham dificuldades para articular os saberes produzidos na educação formal. Ou seja, existe um longo caminho a percorrer para os que tiveram que interromper os estudos.

Ao entrevistar um estudante de sessenta anos que cursa a antiga 1ª série foi possível percebermos tamanho sentimento de incompletude por ter necessitado “abrir mão” do sonho de continuar seus estudos. Contou-nos parte de sua história, dizendo o seguinte:

Sou de uma família de muitos filhos. Não conheci meu pai. Na verdade, meu pai só foi aquEle lá de cima. Fui criado pela minha mãe, avó e bisavó. Elas sempre estiveram preocupadas para que eu fosse uma pessoa de bem. Parei de estudar aos doze anos de idade pois, precisava ajudar no sustento da casa. Hoje, sei assinar meu nome porém, quero aprender um pouco mais e conhecer coisas novas.

Diante disso, fica evidente que à medida que as pessoas vão crescendo o trabalho se torna mais importante que o estudo. Mas, no que concerne ao objetivo dos sujeitos jovens e

adultos em retornarem à escola, tal afirmação não procede. Na verdade, o direito ao acesso à educação é que se tornou difícil para essas pessoas em virtude das poucas possibilidades de escolha diante do contexto em que estavam inseridos, ou seja, sua realidade de vida.

Poderíamos então pensar a escola como um dos espaços que pode contribuir para que o sujeito se aproprie de conhecimentos a fim de transformar a si mesmo e a realidade em que vive. Neste sentido, há de se considerar os meios de trabalho necessários à realização do processo de ensino e aprendizagem, assim como, as relações sociais entre os indivíduos em sua prática cotidiana.

Oliveira (1999) relata que o adulto está inserido no mundo do trabalho e das relações interpessoais de um modo diferente da criança e do adolescente. Traz consigo uma história mais longa (e provavelmente mais complexa) de experiências, conhecimentos acumulados e reflexões sobre o mundo externo, sobre si mesmo e sobre as outras pessoas.

Ao indagarmos ao estudante trabalhador W. T, do grupo I fase1 da classe de alfabetização sobre sua expectativa em relação à escola, ele nos disse o seguinte:

Eu quero aprender a escrever o meu nome completo pois, abandonei a escola quando pequeno porque meu tio me colocava de castigo no carço de milho por não saber ler e escrever. Hoje, faço parte da classe de alfabetização e tem me dedicado diariamente para conquistar esse direito. Sinto-me incomodado quando as aulas são suspensas ou os tempos são reduzidos por questões burocráticas, assim, são menos horas para aprender.

Os jovens e adultos que retornam à escola demonstram compromisso e responsabilidade, pois parecem tentar “recuperar o tempo perdido”. Seu objetivo em relação a sua presença no espaço escolar é aprender a ler e escrever, dar continuidade ao sonho que foi interrompido alguns anos atrás. Eles são desafiados constantemente por essa busca incessante pelo direito à educação, pois consideram não ser aceitável viver à margem das informações que são sistematizadas pela sociedade. São jovens e adultos que fazem parte de uma nova realidade.

Neste contexto, vale pensar o que nos diz Freire: (1997, p.32) “É necessário darmos oportunidade para que os educandos sejam eles mesmos”. Afinal, ainda concordando com Freire: “O desenvolvimento de uma consciência crítica que permite ao homem transformar a realidade se faz cada vez mais urgente”.

Posto isso, entendemos que a educação libertadora reconhece o sujeito, dá força, dá poder. No sentido que ela possibilita a criticidade dos sujeitos em sua relação *educando-educador – mundo*. O sujeito se sente parte de si mesmo. Entretanto, para que isto seja possível é necessário a existência do diálogo, permitindo ao educando a possibilidade de transformar o mundo por meio de suas ações.

Por ocasião de nossos encontros, um educando da classe de alfabetização fez o seguinte comentário a respeito do modo de vida passado:

Antigamente quando se nascia na roça era tudo mais difícil, estudar nem pensar. Nasci em Rio Bonito, num bairro muito distante da cidade, era roça mesmo. E quando criança tive a oportunidade de ir à escola somente uma vez.

Bosi (1994) afirma que a lembrança é sobrevivência do passado. O passado conservando-se no espírito de cada ser humano aflora à consciência na forma de imagens-lembrança. As lembranças e as imagens que jovens e adultos participantes da pesquisa têm de sua infância são de dificuldades, incompreensões, indiferença. Contudo, não permitiram que as ameaças da vida os impedissem de continuar o caminho dos sonhos. Vale dizer, o tempo das novas possibilidades.

Nesse sentido, é possível pensarmos com Freire (1996) em relação à atuação dos sujeitos no mundo. Em “Pedagogia da Autonomia” (2003, p.54) o autor afirma que a presença do indivíduo no mundo não é a de quem nele se adapta. Porém, é a posição de quem luta para não ser apenas objeto, mas sujeito também da História. E, é por esse modo de agir, que os educandos vêm transformando as suas reais condições de vida para vivenciar novas esperanças e possibilidades de novos sonhos.

Ao entrevistar a educanda I.L. , do grupo III fase 2 (antiga 4ª série) sobre suas expectativas em relação a escola, ela enfatizou o seguinte:

Primeiro, tenho duas filhas e sou mãe solteira, agora vejo a oportunidade de crescer e dar uma condição melhor para mim e para minhas filhas.  
Segundo, sou artesã a vinte e dois anos. Hoje em dia o artesanato está muito desvalorizado. Preciso continuar os estudos para melhorar a vida da minha família.

Estudante da EJA com trinta e oito anos de idade, mãe solteira, artesã com autonomia registrada, e ainda possui o curso de auxiliar de enfermagem. Hoje, se sente

sufocada pelo sistema de arrecadação de impostos devido as contribuições que precisa realizar junto aos órgãos competentes. Em relação a sua permanência no mercado de trabalho como artesã declara o seguinte:

É difícil me manter como artesã, pois preciso investir em materiais, cuidar de mim e da minha família. Todavia, as condições não são nada favoráveis para os *micros*.

Por entender que existe um longo caminho a percorrer para se manter no mercado da moda do artesanato, I.L. não pára. Atualmente, tem usado sua criatividade na utilização de sobras de couro para preparar diversos tipos de materiais para venda. E, não somente isso, ela mesma criou um *site* para exibir suas peças exclusivas na Internet. Até mesmo entrega o produto na casa do/a cliente dependendo da localização.

Já se não bastasse tudo isso que I. L. executa, além de sua responsabilidade de mãe e dona-de-casa, ela comentou o que pretende fazer em sua vida:

Desejo terminar os estudos e concluir o curso de enfermagem, que iniciei na Bahia, minha terra natal, pretendo agora fazer a modalidade de técnico em enfermagem. Meu sonho é continuar ajudando as pessoas idosas. Tanto as crianças quanto os idosos necessitam muito de nossa ajuda, por isso, preciso continuar.

Se fôssemos levar em consideração que é somente na escola que o indivíduo aprende, desconsideraríamos todo conhecimento elaborado e saberes constituídos que foram fazendo parte da vida da educanda. A busca incessante em aprender e compreender a própria razão de estar no mundo a fez uma mulher forte e “guerreira”. Apesar de ter abandonado a escola por um longo período de tempo, não deixou de acreditar que é possível mudar a sua história de vida. Educou suas filhas como também foi em busca de troca informações concernentes a sua atividade profissional. Reconhece as dificuldades do mercado de trabalho, mas tem orgulho do que faz.

Nesse contexto podemos pensar com Freire (1987, p.70) a seguinte afirmação:

A educação como prática da liberdade, ao contrário daquela que é prática da dominação, implica a negação do homem abstrato, isolado, solto, desligado do mundo, assim como também a negação do mundo como uma realidade ausente dos homens.

São experiências de vida muito desafiadoras. Na verdade, os sujeitos jovens e adultos possuem características muito marcantes da força de trabalho implementadas em suas trajetórias de vida. Por fazerem parte de uma sociedade capitalista, determinados fatores de ordem socioeconômica em algum momento de suas vidas inviabilizam o projeto de permanência na escola.

Segundo Garcia (1997) a escola segue selecionando inicialmente quem pode e quem não deve permanecer na escola, destinando a maioria o papel de consumidor acrítico da palavra de outros. A autora ainda critica o fato do sistema não levar em conta que a condição de sujeito cognoscente inerente ao homem faz dele necessariamente um produto de linguagem.

E. M., do grupo II de sessenta e três anos de idade, casada, mãe de seis filhos, avó, bisavó, servente da prefeitura municipal de São Gonçalo, estudante da antiga primeira série do ensino fundamental, disse-nos que voltou para escola para aprender a ler a bíblia. Relatou que aprendeu muitas coisas na escola, inclusive, a ter novas amizades. Afirma que a escola tem contribuído bastante para sua aprendizagem, apesar de chegar cansada para estudar, não quer desistir.

Acreditamos que a escola seja o espaço social onde o indivíduo aprende, ensina, se relaciona e dialoga saberes. Afinal, são sujeitos “carregados” de saberes que, às vezes não são reconhecidos, e quando são, compreende-se como uma “cultura menor” de pouco interesse social pelas “camadas mais favorecidas”. Convivem em uma sociedade dita democrática, porém, é necessário um esforço muito grande para não ser “esmagado” pelas forças que ditam o poder.

A escola precisa ser o *locus* de acolhida de todos indivíduos e com os estudantes da EJA não poderá ser diferente. É necessário que haja uma sensibilização voltada às expectativas da realidade destes sujeitos, ou seja, uma preparação articulada com suas práticas diárias para que os educandos se sintam pertencentes ao contexto do espaço escolar.

Diante de tudo isso, Linhares (1993, p. 41) avalia que “(...), a cultura do aluno da classe trabalhadora precisa tornar-se parte de uma pedagogia voltada para seus interesses e necessidades”.

Participamos de uma atividade de oficina elaborada por uma das professoras da escola *locus* da pesquisa, com o seguinte tema: *Eu na escola*. Cujo objetivo era apresentar aos estudantes o espaço escolar, sua estrutura, equipe pedagógica e todos profissionais docentes e não-docentes. Em seguida os alunos discutiam em sala de aula os aspectos que consideraram relevantes.

A partir desta oficina criamos subtemas que foram os seguintes: *O que eu gosto na escola? e, O que eu não gosto na escola?* Diante das questões apresentadas M. B. A, estudante do grupo III fase 2, elaborou na forma escrita uma resposta para cada questão:

Eu gosto na escola a dedicação que as professoras tem com os alunos, mesmo alguns alunos assim como eu já tenha um pouco mais de idade. Os funcionários são muito simpáticos, isso nos deixa avontade na escola. A localização do colégio é ótima. A merenda é bem feita e gostosa.

O que eu não gosto é a educação física, o que é junto com outras turmas, o professor é muito bom e simpático com todos, o que eu tenho a reclamar é só isso o demais está ótimo.

Na verdade, é possível que outras mudanças sejam necessárias na escola. Porém, os jovens e adultos parecem que já se acostumaram a não reclamar por seus direitos. Talvez estejam cansados de tanto insistir. Sabemos que o governo precisa avançar, e muito, para conseguir aumentar a oferta do número de vagas, melhoria nos salários dos professores e principalmente, articular as políticas públicas educacionais para melhorar a qualidade do ensino. Não somente da modalidade EJA, mas todos os segmentos de ensino público.

Retornar à escola representa um “esforço sobre-humano” àqueles que já se encontram cansados, com a saúde frágil. Entretanto, por se reconhecer na condição de cidadão prefere lutar e empenhar-se pelo direito que lhe foi negado. Ou seja, *Educação ainda que tardia*. Nesse sentido, jovens e adultos partem para uma nova perspectiva de vida para reconstruir suas próprias histórias, reveladas e melhor compreendidas a partir da significação do direito à escola.

## **Considerações finais:**

Ir à escola, para os jovens e adultos da EJA, significa muito mais do que ler e escrever. Para alguns, é o recomeçar, tentar recuperar o “tempo perdido”, é o construir e o reconstruir de suas histórias. Para outros, representa esquecer as marcas do passado, as dificuldades, o medo.

O Professor Paulo Freire (2003) menciona que o papel do educador deve ser o de viabilizar um mundo novo, diferente, mas, que só será possível quando for interiorizado pelo sentimento de desafiar a si mesmo, oferecendo assim, respeito ao saber do educando como também as suas experiências de vida.

Podemos considerar que “a história de cada indivíduo começa onde começam as recordações; a de um grupo social começa quando pode deixar rastros gráficos das suas experiências, dos seus atos de comunicação; dos seus pedidos ou desejos.” (Landsmann,1995)

Ao analisar as falas dos sujeitos, percebemos que alguns deixaram a escola porque precisavam trabalhar, ainda quando crianças. Outros saíram da escola por se sentirem frustrados pelo fracasso. Enfim, são muitas histórias que envolvem esses jovens e adultos, cidadãos brasileiros que buscam na educação a chance do resgate da sua identidade, sua dignidade, sua liberdade.

Suas expectativas diante da escola são diversas, como: aprender a ler “rapidinho”, aprender a se expressar melhor, conseguir ler sem precisar da ajuda de alguém, concluir os estudos para alcançar melhores oportunidades no mercado de trabalho, se sentir realizado. Tudo isso, dizem respeito ao aprimoramento da leitura e da escrita, como, também, a ressignificação de suas trajetórias de vida. Afinal, são jovens e adultos envolvidos no processo de democratização do ensino que, por acreditarem em uma educação emancipatória retornam aos bancos escolares e são capazes de criar novas possibilidades através do conhecimento e experiências que foram acumulando-se ao longo da vida.

Assim, percebemos que a educação libertadora é um *ato político*, é a representação da luta daqueles que se assumem como agentes da própria história. Nesse sentido, a história é sinônimo de reconstrução, transformação, lugar das reais oportunidades.

## Referências:

- ANDRÉ. Marli Eliza Dalmazo Afonso de. *Etnografia da prática*. 5ed. Campinas, São Paulo: Papirus, 2000.
- ALVARENGA, Márcia Soares de. *O Plano Municipal de Educação e suas Representações Sobre o Direito à Educação de Jovens e Adultos: um estudo de caso*. GT: Educação de Jovens e Adultos / n.18. Anped. 2005.
- ARROYO. Miguel. Formar educadoras e educadores de jovens e adultos. In: SOARES, L. *Formação de Educadores de Jovens e Adultos*. Belo Horizonte: Autêntica. 2006.
- BOLETIM DO SEPE. Rede Municipal/SG- setembro 2008 – 4.
- BOSI. Ecléa. *Memória e Sociedade*. Lembranças de velhos. 3ed. São Paulo. Companhia das Letras, 1994.
- BRASIL. *Congresso Nacional*. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. N.9394/96.
- DI PIERRO. Maria Clara. *Notas sobre a Redefinição da identidade e das políticas de educação de jovens e adultos no Brasil*. Educ. Soc. Campinas. Especial - Out.2005.Vol.26, n.92, p. 115-1139.
- Freire. Paulo. *Pedagogia do Oprimido*, 17 ed. Rio de Janeiro. Paz e Terra, 1987.
- \_\_\_\_\_. Paulo. *A importância do Ato de Ler*. São Paulo: Cortez, 1996.
- \_\_\_\_\_. Paulo. *Educação e Mudança*. 21ed. São Paulo: Paz e Terra, 1997.
- \_\_\_\_\_. Paulo. *Pedagogia da Autonomia*. Saberes necessários à prática educativa. 27ed. São Paulo: Paz e Terra, 2003.
- FREITAS, Marineide Lima de Queiroz ; COSTA, Ana Maria Bastos. (orgs.) *Proposta de Formação de Alfabetizadores em EJA: Referenciais teórico-metodológicos*. Maceió: MEC e UFAL, 2007.
- GALLO, S. Transversalidade e educação: pensando uma educação não-disciplinar. In: ALVES, Nilda & Garcia, Regina Leite. (Org.) *O Sentido da Escola*. 3ed. . Rio de Janeiro: DP & A editora, 2001.
- GARCIA, Regina Leite. (Org). *Alfabetização dos alunos das classes populares ainda um desafio*. 3 ed. São Paulo: Cortez,1997.



- HADDAD, S; DI PIERRO, M. C. *Escolarização de jovens e adultos*. Revista Brasileira de Educação. São Paulo. Maio/Agosto .2000. n.14, p. 108-130
- LANDSMANN, L. T. *Aprendizagem da linguagem escrita: processos evolutivos e implicações didáticas*. São Paulo: Ática, 1995.
- LE GOFF, Jacques. *História e memória*. Tradução Bernardo Leitão... [ et al.]. 2 ed. São Paulo: Editora UNICAMP, 1992.
- LINHARES. Célia. [ et al. ]. *Formação de professores: pensar e fazer*. 2ed. São Paulo: Cortez, 1993.
- MACHADO. Maria Margarida [ et al. ]. Os desafios da educação de jovens e adultos: vencer as barreiras da exclusão e da inclusão tutelada. In: Kruppa, Sônia M. Portella. (Org.). *Economia Solidária e Educação de Jovens e Adultos*. Brasília: Inep, 2005.
- MOLL. Jaqueline. *Educação de jovens e adultos*. 3ed. Porto Alegre: Medição, 2008.
- MOVA - *Movimento de Alfabetização de Jovens e Adultos*. Caderno 2. Princípios Políticos Pedagógicos do MOVA-SP. Secretaria Municipal de Educação/ P.M.S.P. mimeo. Abril, 1990.
- OLIVEIRA, Marta Khol de. *Jovens e adultos como sujeitos de conhecimento e aprendizagem*. Revista Brasileira de Educação. São Paulo. set/out/nov/dez. 1999. nº12, p.59-73.
- PAIVA. Vanilda. *História da educação popular no Brasil: educação popular e educação de adultos*. 6ed. São Paulo: Loyola, 2003.
- PEREIRA. Ana Valéria Dias; TÂNIA, Laura. *EJA: parte do projeto & Castello Branco: história e memória*. Disponível em CD Rom. Fev/2005.
- PROGRAMA BRASIL ALFABETIZADO. Portal do Mec. *Educação de Jovens e Adultos*. <http://portal.mec.gov.br/secad/index.php?option=content&task=view&id=45&Itemid=169>, acessado em: 27/02/2009.
- SANTOS. Geovânia Lúcia dos. *Educação ainda que tardia: a exclusão da escola e a reinserção de adultos das camadas populares em um programa de EJA*. Revista Brasileira de Educação. Set/Dez. 2003. n.24.
- SANTOS. Maria Francisca Oliveira, [ et al. ] *Gêneros textuais na educação de jovens e adultos*. 2ed. Ver. Alagoas. FAPEAL, 2004.

SILVA, Rose Neubauer. *Analfabetismo e subescolarização: ainda um desafio*. São Paulo: Cortez, 1990.

TFOUNI, Leda Verdiani. *Letramento e Alfabetização*. 8 ed. São Paulo. Cortez, 2006.

THOMPSON, Paul. *A Voz do Passado*. História oral. Tradução Lólio Lourenço de Oliveira. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.